

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO: — QUESTÕES ACTUAES: *Restauração do Bispado de Leiria.*—DOCUMENTOS PONTIFICIOS: *Carta de S. Santidade ao Cardeal Respighi, ácerca da musica sacra.* — *Provisão de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Bispo do Porto* (continuação). — APONTAMENTOS HISTORICOS: *Cemiterios*, por A. Moreira Bello. — EGREJA PORTUENSE: *Catalogo*

dos Bispos do Porto.—LITTERATURA: *Lenta da rosa branca* (tradução).—AS NOSSAS GRAVURAS.—VARIA: *O amor*, por M. M.—DE TUDO UM POUCO.—RETROSPECIO DA QUINZENA.

Gravuras: *Bossuet; Cathedral de Auxerre.*



Bossuet

QUESTÕES ACTUAES

Restauração do bispado de Leiria

Ha algum tempo viu-se elevar uma voz do seio da imprensa da provincia, voz humilde mas cheia de fé, atrahindo desde logo as atenções de todo o paiz, e mórmemente da imprensa catholica, n'um fremito de verdadeiro entusiasmo.

Esta voz, toda de fogo, erguendo-se por uma causa sympathica e digna a valer, alastrou-se e avolumou-se, e hoje é perfilhada calorosamente pelo jornalismo catholico portuguez, que assim se tornou echo do seu denodado collega provinciano, e a tomou como propria.

E' sempre o que acontece quando as causas são nobres como a que o nosso intemerato collega «O Portomozense» levantara com raro denodo e energia.

Pela nossa parte adherimos desde logo á sympathica ideia da restauração do antigo bispado de Leiria, que achamos alevantada, pois que ao mesmo tempo viria ella resgatar uma injustiça e reparar um prejuizo como o houvera áquella cidade e á Egreja ao ser feita a actual circumscripção diocesana.

Esta causa tem, pois, os mais lidimos direitos ao seu desideratum final. Leiria, a ridente rainha do Liz, tem fastos radiosos escriptos em letras de ouro na historia patria. O seu passado é grandioso, com poucas emulas entre as suas congeneres n'esta nossa terra portugueza.

Leiria, a antiga Collipo, bastas vezes tomada pelos mouros e reconquistada pelos nossos; Leiria, onde se reuniram por varias vezes as côrtes; Leiria, morada de reis, e a primeira terra onde se montou typographia logo apoz á descoberta de Guttemberg; Leiria, patria de bispos, e possuidora de uma sé magnifica, é digna de que de novo veja a dentro do seu ambito um bispo seu, mais o cabido e Seminario respectivo, exercendo a sua actividade religiosa e auctoridade espirital.

Demais, o modo como fôra feita a suppressão do seu bispado não prova validade alguma. A bulla «Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus», que foi expedida pela Santa Sé Apostolica de Roma em 30 de setembro de 1881, accedendo ás instantes sollicitações do governo portuguez para a redução das dioceses do continente do reino, sob pretexto de não poder o Erario publico supportar o encargo do custeamento de todos os bispados ao tempo existentes em Portugal, não teve cumprimento rigoroso em todas as suas clausulas, portanto a sua suppressão não tem valor canonico. Eis aqui, pois, como são altamente justas as aspirações dos patrioticos filhos de Leiria.

Esta cidade de tão nobres tradições em virtudes civicas e brazões fidalgos não deve desistir de modo algum da sua grandiosa empreza; insista, insista sempre e por todos os modos possiveis perante os poderes publicos pela mais cara aspiração que ora lhe reanima os velhos brios.

Insista, insista sempre o valente paladino «O Portomozense» na sua valorosa campanha; insista, insista sempre o venerando clero de Leiria e com elle todos os povos d'este districto, para o restabelecimento da sua séde cinco vezes secular, afim de que nós, em um dia que não venha longe, possamos felicitá-los effusivamente, enviando-lhes d'este logar os nossos mais calorosos e entusiasticos applausos.

A'vante pelo antigo bispado de Leiria!

DOCUMENTOS PRELATICIOS

Carta de S. Santidade Pio X ao Em.^{mo} Cardeal Respighi, Vigario Geral em Roma, sobre a restauração da musica sacra

Leva-Nos o desejo de vêr reflorescer por toda a parte o decoro, a dignidade e a santidade das funções liturgicas, a tornar conhecida, por meio de um Nosso particular chirographo, a Nossa vontade ácerca da musica sacra, que tão largamente se emprega em serviço do culto.

Nutrimos a confiança de que todos nos secundarão n'esta almejada restauração, não já sómente com aquella cega submissão, sempre louvavel, com que se acceitam em puro espirito de obediencia as ordens onerosas e contrarias ao proprio modo de pensar e sentir, mas sim com aquella promptidão de vontade, que brota da intima persuasão de assim dever operar, por motivos devidamente conhecidos, claros, evidentes, irrecusaveis.

De feito, por pouco que se reflecta no fim santissimo para que se admittiu a arte no serviço do culto, e na summa conveniencia de não offerecer ao Senhor senão cousas em si boas, e, onde possivel fôr, excellentes, se verá logo que as prescripções da Egreja ácerca da musica sacra não são mais que a immediata applicação d'aquelles dous principios fundamentaes. Quando o clero e os mestres de capella se compentrem d'elles, a musica sacra refloresce espontaneamente, como se observou e continuamente se observa em muitas partes; quando pelo contrario aquelles principios se descuam, não valem pedidos nem avisos, nem ordens severas e reiteradas, nem ameaças de penas canonicas a obstar que cousa alguma se mude; tanto a paixão, e se não ella, uma vergonhosa e indesculpavel ignorancia logram illudir a vontade da Egreja e perseverar annos e annos no mesmo lastimavel estado de cousas.

Esperamos essa promptidão de vontade de um modo particularissimo do clero e dos fieis d'esta Nossa dilecta cidade de Roma, centro do christianismo e séde da suprema auctoridade da Egreja. Parece com effeito que ninguem devia sentir melhor o influxo da Nossa palavra do que aquelles que directamente a ouvem da Nossa bocca, e que o exemplo de amorosa e filial submissão aos Nossos convites paternos ninguem mais o devia dar com maior sollicitude, do que a primeira e mais nobre porção da grey de Christo, a Egreja de Roma, especialmente confiada ao Nosso cuidado pastoral de Bispo. Accresce que tal exemplo deve ser dado em face de todo o mundo. De toda a parte aqui affluem continuamente os Bispos e os fieis para reverenciarem o Vigario de Christo e retemperarem o espirito, visitando as nossas venerandas basilicas e os tumulos dos Martyres e assistindo com dobrado fervor ás solemnidades, que com toda a pompa e esplendor aqui se celebram em todo o tempo do anno. «*Optamus ne moribus nostris offensi recedant*», já no seu tempo dizia Bento XIV, Nosso Predecessor, na sua carta encyclica. «*Annus qui*», fallando precisamente da musica sacra: *desejamos que não volt-m a suas patrias escandalisa los dos nossos costumes. E tocando mais adeante o abuso dos instrumentos, que então se notava, o mesmo Pontifice dizia: «Que idea farão de nós aquelles que, vindos de terras onde os instrumentos se não usam na Egreja, os ouvirão em nossas egrejas nem mais nem menos como se costuma fazer nos theatros e outros logares profanos? Virão tambem alguns de logares e terras, onde nas egrejas se canta e toca como agora se faz nas nossas. Mas se são homens de bom senso, doer-se-hão de não encontrar na nossa musica o remedio para o mal de suas egrejas, que aqui vinham buscar. N'outros tempos nas musicas, que se costumavam executar nas egrejas no-*

tava-se talvez muito menos a sua desconformidade com as leis e prescripções ecclesiasticas, e o escandalo não era por ventura tão universal, por isso mesmo que o inconveniente era mais diffuso e geral. Agora, porém, que tanto trabalharam homens egregios por illustrar as razões da liturgia e as da arte ao serviço do culto, e que em tantas igrejas do mundo se obtiveram na restauração da musica sacra tão consoladores e não raro tão esplendidos resultados, não obstante as difficuldades gravissimas que se oppunham e que foram felizmente superadas, e que enfim a necessidade de uma radical mudança de cousas penetrou universalmente nos animos, agora, qualquer abuso n'esta parte torna-se intoleravel e deve ser removido.

V. Eminencia, Senhor Cardeal, na sua alta qualidade de Nosso Vigario em Roma nas cousas espirituaes, procurará, não duvidamos, com a brandura que lhe é propria, mas sem quebra da firmeza, que as musicas que se executam nas igrejas e capellas, tanto do clero secular, como do regular d'esta cidade, correspondam plenamente ás Nossas *Instrucções*. Muitas cousas se hão de remover ou corrigir nos cantos das missas, das ladainhas lauretanas, e do hymno eucharistico; o que, porém, carece de um completo renovamento é o canto de *Vesperas* nas festas, que se celebram nas varias igrejas e basilicas. As prescripções liturgicas do *Ceremoniale Episcoporum* e as bellas tradições musicas a classica *Escola Romana*, já ali se não encontram. A' devota psalmodia do clero, em que o povo tomava parte tambem, substituiram-se interminaveis composições musicas sobre as palavras dos psalmos, todas á maneira das velhas operas theatraes e d'ordinario de tão mesquinho valor artistico, que se não tolerariam sequer nos concertos profanos de menor monta. Nada promovem certamente, quanto á devoção e piedade christã; dá-se pasto á curiosidade de alguns menos intelligentes, mas o maior numero desgostam-se, escandalisam-se e maravilham-se de que tamanho escandalo perdure ainda.

Nós, portanto, queremos que esse abuso desapareça inteiramente, e que a solemnidade das *Vesperas* se celebre em tudo segundo as normas por Nós indicadas. Precederão as outras Igrejas no exemplo as basilicas patriarchaes, mediante o cuidado sollicito e o zelo esclarecido dos senhores Cardeaes que lhes presidem, e com ellas competirão a seguir as basilicas menores, as igrejas collegiaes e parochiaes, bem como as igrejas e capellas das ordens religiosas.

E V. Em.^a, Senhor Cardeal, não use indulgencia, não conceda delações. Protrahindo-a, a difficuldade não diminue, antes augmenta, e já que o corte deve dar-se, dê-se immediatamente, resolutamente. Tenham todos confiança em Nós e na Nossa palavra, com a qual vae junta a graça e a benção celeste. A principio a novidade produzirá em alguns certa maravilha, ver-se-ha talvez um tanto desprevenido algum d'entre os mestres de capella e directores de côros; mas a pouco e pouco a reforma vingará por si mesma, e na perfeita conformidade da musica com as normas liturgicas todos descobrirão uma belleza e bondade quiza nunca d'antes advertida.

Com effeito a solemnidade das *Vesperas* será d'est'arte notavelmente mais breve. Mas se os reitores das Igrejas quizerem, n'alguna occorrença, prolongar-se um pouco as funcções, a fim de entreter o povo, que tão louvavelmente costuma ir nas horas vespertinas á Igreja em que se celebra a festa, nada obsta, pelo contrario muito lucrão a piedade e a edificação dos fieis, se ás *Vesperas* se seguir um adequado sermão e se encerre depois com uma benção solemne do Santissimo Sacramento.

Desejamos, finalmente, que a musica sacra se cultive com especial cuidado e devidamente em todos os Seminarios e Collegios ecclesiasticos de Roma, nos quaes uma tão

numerosa e tão escolhida pleiade de jovens clerigos de todas as partes do mundo se vão educando nas sciencias sagradas e no verdadeiro espirito ecclesiastico. Sabemos, é isto grandemente Nos conforta, que em muitos institutos a musica sacra está florescente, tanto que pôdem servir aos outros de modelo.

Mas alguns seminarios e alguns collegios, ou por negligencia dos superiores, ou pela pouca capacidade e gosto não bom das pessoas a quem estão confiadas a instrucção do canto e a direcção da musica sacra, deixam muito a desejar. V. Em.^a, Senhor Cardeal, providenciará com sollicitude tambem sobre isto, insistindo sobretudo para que o canto gregoriano, segundo as prescripções do Concilio Tridentino, e d'innúmeros outros concilios provinciaes e diocesanos de todas as partes do mundo seja estudado com particular diligencia, e d'ordinario preferido nas funcções publicas e privadas do instituto. N'outros tempos, a falar verdade, o canto gregoriano era pela maioria conhecido só por livros incorrectos, alterados, abreviados.

Mas, mercê do estudo acurado e diuturno de homens insignes e grandemente benemeritos da arte sacra, a face das cousas mudou. O canto gregoriano, restituído em modo tão satisfactorio á sua primitiva pureza, qual nos foi deixado pelos Padres e se acha nos codices de varias Igrejas, surge-nos suave, harmonioso, facilimo d'aprender e de uma belleza tão nova e inesperada, que onde quer que foi introduzido, não tardou que não excitasse entusiasmo nos jovens cantores. Ora quando no cumprimento do dever entra o deleite, tudo se faz com maior alacridade e com mais duradouro fructo. Queremos, pois, que em todos os collegios e seminarios d'esta alma Cidade se introduza de novo o antiquissimo canto romano, que já resou em nossas igrejas e basilicas e formou as delicias das gerações passadas nos mais bellos tempos da piedade christã. E como já uma vez da Igreja de Roma aquelle canto se difundiu pelas outras Igrejas do Occidente, assim desejamos que os jovens clerigos, instruidos debaixo de Nossas vistas, o levem e espalhem de novo pelas suas dioceses, quando para lá voltarem Sacerdotes a trabalhar pela gloria de Deus. Alegra-se-Nos a alma ao darmos estas disposições agora que estamos para celebrar o XIII centenario da morte do glorioso e incomparavel Pontifice S. Gregorio Magno, ao qual uma tradição ecclesiastica de muitos seculos attribuiu a composição d'estas santas melodias e do qual lhes veio o nome. Adestrem-se diligentemente n'ellas os Nossos carissimos jovens; porque mui grato Nos será ouvir-os, se, como Nos foi communicado, elles se reunirem nas proximas festas centenarias junto do tumulo do Santo Pontifice na Basilica Vaticana, afim de executarem as melodias gregorianas durante a sacra Liturgia, que, se Deus quizer, em tal occorrença celebraremos.

No entanto, como penhor da Nossa particular benevolencia, receba, Senhor Cardeal, a Benção Apostolica, que do intimo do coração concedemos ao clero e a todo o Nosso dilectissimo povo.

Do Vaticano, dia da festa da Immaculada, 1903.

PIUS PP. X.

CARTA PASTORAL DE S. EX.^a REV.^{ma} O SNR. BISPO DO PORTO

(Continuação do n.^o anterior)

Além d'estes, outros dias só de abstinencia ou tambem de jejum estão em vigor e são destinados a preparar os fieis para a celebração de muitos mysterios da vida de Jesus Christo, de N. Senhora ou ainda d'alguns santos em especial.

Pelas considerações expostas vêem os nossos diocesanos que lhes estamos fallando de dois preccitos de gran-

de importancia, de dois preceitos que obrigam gravemente e, por justos motivos, impostos pela Igreja aos fieis.

Pelo seu cumprimento mostramos que somos filhos obedientes da Santa Igreja, cuja legislação se encaminha toda para o nosso progresso na pratica do bem; procuramos ainda mortificar a carne para a submeter ao espirito e satisfazer á justiça divina por muitas culpas commettidas.

O jejum corporal é meio poderoso para reprimir as paixões, para elevar o nosso entendimento, fazer-nos praticar a virtude e conseguirmos as recompensas celestes, como canta a Igreja no prefacio da Quaresma.

S. Agostinho resume nas seguintes palavras as muitas vantagens dos dois preceitos: «O jejum purifica o entendimento, eleva o sentido, sujeita a carne ao espirito, fórma o coração contricto e humilhado, dissipa as trevas da concupiscencia e apaga os ardores da luxuria.»

* *

Em virtude das breves considerações expostas procurem os pastores das almas ou os pregoeiros da palavra de Deus chamar os fieis ao cumprimento dos preceitos da abstinencia e do jejum; procurem todos incutir nas almas o respeito pela auctoridade legislativa da Igreja que só procura o bem espirital dos seus filhos. Cumpramos todos os preceitos não só por muitos motivos temporaes, mas pelos espirituaes e eternos e todos digamos com a Igreja: «Concedei nos, Senhor, a graça de encetarmos com santos jejuns este tempo salutar de milicia christã, afim de que, tendo de combater os espiritos da malicia, encontremos auxilio na abstinencia: concedei, Senhor, a vossos fieis a graça de entrar na solemnidade d'este santo jejum com uma piedade sincera e de o levar até ao fim com devoção constante.» (1)

* *

Resta-nos agora para conclusão d'estas breves considerações, consignar algumas palavras d'agradecimento pelo cuidado dos Revs. Parochos em promoverem as esmolas da Bulla da Santa Cruzada e Indulto Quaresmal, e pedir que, no meio de tantas contrariedades, não deixem arrefecer a fé dos que lhe fôram confiados. Com zelo prudente e illustrado procurem confirmar e avivar a fé dos crentes ácerca da doutrina catholica e especialmente sobre o assumpto da presente provisão.

Conduzam para o aprisco aquelles que ainda estão ou se têm d'elle afastado. Não deixem os curas d'almas que, por culpa propria, pereça um só d'aquelles que lhes fôram confiados, mas procurem que na proxima quaresma todos se preparem pelo cumprimento dos preceitos para a commemoração dos augustos mysterios da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Christo.

Além da pratica de todos os preceitos da Igreja, que ninguem deixe de se aproveitar das graças e privilegios da Bulla e do Indulto.

Aquella, summario individual, concede indulgencias, privilegios e facultades necessarias a todo o fiel christão, e este, summario colectivo, concede dispensa d'abstinencia em muitos dias da quaresma e fóra d'ella, mitigando assim, em attenção á nossa fraqueza, os antigos rigores da disciplina ecclesiastica.

A Bulla, condição indispensavel para cada um se poder aproveitar do Indulto, concede aos fieis innumeraveis graças quanto á commutação de votos, absolvição de peccados, composição sobre bens achados ou mal havidos, cujo dono ou pessoa lezada é desconhecida, assim como as seguintes indulgencias plenarias:

a) Duas indulgencias plenarias, para cuja consecução se requer a confissão e communhão, ou deseja-las ardentemente, não as podendo realisar, e para a segunda dentro dos segundos seis mezes da publicação da Bulla, exige-se mais o escripto do jubileu, da esmola de 20 reis.

(Conclue)

APONTAMENTOS HISTORICOS

Cemiterios

I

Desde 1890 que não ia a Braga. Depois de um intervalo de perto de onze annos, decidi-me em meiado de junho de 1901 a fazer a visita de *despedida* á minha terra natal, para mim sempre formosa e sempre querida, e a meu desditoso irmão, que se achava n'um estado de saude irremediavelmente perdido. A meu pobre irmão foi essa com effeito a ultima vez que o vi e abracei, pois que em abril de 1902 tive a grande dôr de receber a noticia de que passára d'esta á eterna vida; e provavelmente não tornarei a vêr o meu berço, porque, velho e achacado, não me abalancarei já agora de novo a percorrer a longa distancia que a ella vae de Lisboa, onde vivo e onde sem duvida morrerei, se Deus não dispozer o contrario.

Visitando Braga, não podia deixar de cumprir um dever de piedade filial, indo ao cemiterio publico repetir junto da sepultura de minha saudosa mãe as orações que quotidianamente dirijo ao Altissimo pelo repouso da sua alma, e dizer lhe do intimo do coração e com os olhos marejados de lagrimas um *adeus até breve* na eternidade.

Preenchido esse acto de dever e de sentimento, percorri o cemiterio, modesto, mas bonito na sua gravidade, e bem cuidado e asseiado. Entre os moimentos que o occupam, um me chamou particularmente a attenção, não porque fosse opulento e artisticamente notavel, senão porque, sob o sacrosanto symbolo da cruz, n'elle li um singelo epitaphio que, se não irreprehensivel na grammatica, é no pensamento altamente christão.

Dizia:

«Aqui jaz D. Luiz d'Azevedo, que sempre viveu e morreu catholico e que o Senhor lhe perdoe os seus muitos peccados.»

Não consola a alma do crente lêr esta confissão franca, ainda apoz a morte, da fé que se professára durante a vida, e esta firme esperanza de alcançar a gloria, não pelos merecimentos proprios, mas pelo perdão do Senhor misericordiosissimo? Não se enumeram alli pomposamente os titulos gerarchicos, que não faltariam ao sepultado, nem os feitos dos antepassados ou proprios, que por ventura lhe não escasseariam: tudo isso é nada perante a eternidade; reconhece o morto ter sido um grande peccador e appella para a clemencia divina, confiado, como circumstancia atenuante e attendivel no tribunal supremo, no facto de ter conservado a verdadeira creença até ao derradeiro instante da vida terrena. Isto sim que é christão!

Mas, desgraçadamente, que dolorosos contrastes não encontra o crente que visitar os cemiterios, principalmente, das nossas grandes cidades portuguezas! Quantas e quantas vezes, symbolos, inscripções, esculpturas e estatuas são puramente pagãs! A ignorancia, a vaidade, a tibieza ou ausencia de fé, quando não a impiedade mais ou menos franca, profanam um logar que devia ser respeitado e sagrado!

Em muitos pontos e em muitas occasiões, aquillo não são *cemiterios*, são *podridoiros* municipaes, e theatros de eloquencia profana mais ou menos avariada, mais ou menos anti-christã, onde até se fazem manifestações maço-

(1) Orações de quarta-feira de cinza.

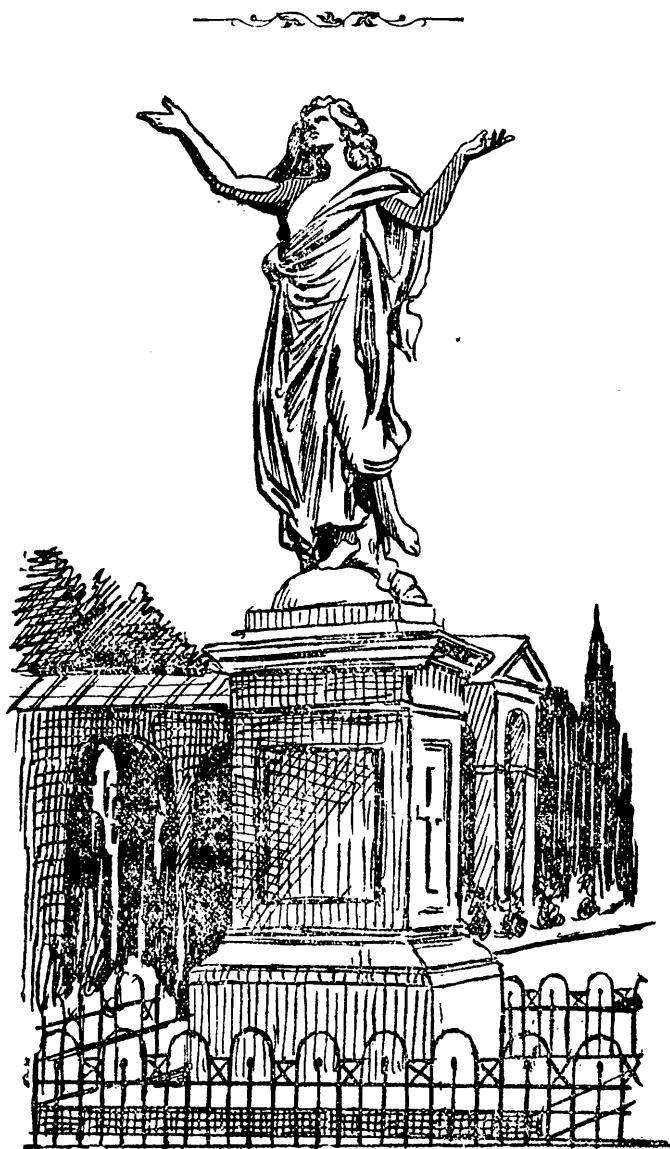
nicas, revolucionarias e socialistas, em face da Cruz do Salvador!

Isto patenteia uma triste verdade, e é que poucos povos terão descido tanto abaixo em sentimentos religiosos e consequentemente em nível moral, como o portuguez, outr'ora tão piedoso, fervente e addicto á unica verdadeira Igreja. Todavia, o liberalismo ainda acha pouco, porque ainda não vê *todo* o povo portuguez pervertido e atheu — *desideratum* para o qual ha muito e incessantemente trabalha «entre as columnas do templo.»

A origem dos cemiterios christãos foram as catacumbas de Roma, tão sabiamente estudadas, entre outros, pelo eminente publicista catholico Padre Gaume. Foram as tenebrosas sepulturas christãs durante os seculos de perseguição; e se, dada a liberdade á Igreja, esta já não teve necessidade de esconder os seus defunctos e os seus mysterios, nem por isso deixou de seguir os costumes dos seus primeiros filhos, desvendando-os e completando-os, mas nunca deturpando-os. E' pois ás catacumbas que se devem ir estudar as normas da sepultura christã.

Encostado ao illustre escriptor, direi duas palavras sobre o assumpto, que, se para a maioria são materia conhecida e sabida, para alguns serão novidade ou quasi novidade, que lhes aproveitará.

A. Moreira Bello.



Uma imponente estatua que se ergue no centro do quadriportico do cemiterio de Roma figurando a Ressurreição

EGREJA PORTUENSE

Catalogo dos Bispos do Porto

1 — S. Basilio, discipulo de S. Thiago e condiscipulo de S. Pedro de Rates; attribue-se a S. Basilio a edificação da igreja de S. Pedro de Miragaya; morreu martyr em 23 de maio do anno 57, tendo 54 annos de idade.

2 — Arisberto ou Aldeberto. Foi notario no 1.º concilio bracharense que se celebrou por occasião da invasão dos suevos em 410.

3 — Symphosio.

4 — Constançio. Assistiu ao concilio de Lugó, e ao 3.º concilio toledano. Alguns escriptores dizem que elle foi o 1.º bispo do Porto.

5 — Argiovitro, o qual de ariano que era se tornou um exemplarissimo prelado catholico.

6 — Argeberto. Assistiu á reunião de 26 bispos, realisada em Toledo, para a declaração da Sé da mesma cidade como metropolitana.

7 — Ansiulfo. Assistiu ao 4.º concilio toledano, e falleceu em 638.

8 — Usibefo, ou Ansiulfo.

9 — Falvio, ou Flavio, que viveu pelos annos de 656, tendo assistido ao decimo concilio toledano.

10 — Froarico.

11 — Felix, ou Torquato Felix, depois Arcebispo de Braga. Em uma invasão de mouros morreu martyr, com 27 habitantes de Braga, a 27 de fevereiro de 719, nas proximidades de Guimarães, no valle que vulgarmente se chama de S. Torquato. N'este tempo ficou o Porto occupado pelos mouros, e por isso sem bispo, até que veio

12 — Gumeado, ou Gumaedo. (Alguns escriptores dizem que antes d'este ainda houve outro de nome D. Froylla ou Froyollano, irmão de D. Affonso, o catholico.

13 — Justo.

14 — Hermogio I.

15 — Gumeado II. No anno de 899, assistiu á sagração da igreja de S. Thiago de Compostella, e falleceu no mesmo anno.

16 — Froalengo. Falleceu com opinião de santo, no mosteiro de S. Estevão, na Galliza.

17 — Hermogio II. Foi sagrado em 912 e viveu até 940.

18 — Ordonho. Viveu até 950.

19 — Diogo. Falleceu no anno de 960.

20 — Nonego. Sendo este bispo de Vendoma em França, resignou aquelle bispado para vir para o Porto na armada chamada dos gascões, pelos annos de 998 ou 999, os quaes retomaram a cidade e levantaram no mais alto d'ella a Igreja Cathedral, servindo-lhe as suas torres de castello; collocou a imagem de Nossa Senhora sobre o arco a que deu o nome de Vendoma, e que já hoje não existe, dando tambem ao Porto o nome de cidade da Virgem. Afinal caçado pelos annos, retirou-se para o mosteiro de Villa Boa, e alli viveu alguns annos; mas em uma occasião em que estava n'uma capella do monte, os mouros emboscados nas mattas, entrando na capella, assassinaram o bispo.

21 — O Beato D. Sisnando I, natural do Porto; foi martyrisado em 30 de janeiro de 1033.

22 — D. Hugo I, que sagrou o mosteiro de Moreira, lançando n'elle o habito de conego regente a Dom Mendo, seu fundador e primeiro prior.

23 — D. Sisnando II. Governou até 1059.

24 — D. Sisnando III.

25 — D. Hugo II.

26 — D. João Peculiares I, depois Arcebispo de Braga, onde sagrou 4 bispos que lhe precederam na Sé do Porto

- 27 — D. Pedro Rabaldes I.
 28 — D. Pedro Pitoes II.
 29 — D. Pedro III.
 30 — D. Fernando Martins I.
 31 — D. Martinho Pires I, depois Arcebispo de Braga.
 32 — D. Martinho Rodrigues II, o famoso luctador.
 33 — D. Julião I.
 34 — D. Pedro Salvador IV, natural do Porto; concorreu muito para a fundação dos conventos de S. Domingos, e de S. Francisco.
 35 — D. Julião II, que morreu com opinião de santo.
 36 — D. Vicente Mendes.
 37 — D. Sancho Pires.
 38 — D. Geraldo Domingues, que morreu assassinado na villa de Extremóz.
 39 — D. Fradulo.
 40 — D. Frei Estevão, franciscano da ordem dos Menores.
 41 — D. Fernando Ramires II.
 42 — D. João Gomes II.
 43 — D. Vasco Martins.
 44 — D. Pedro Affonso V, descendente dos reis de Leão.
 45 — D. Affonso Peres I.
 46 — D. Egidio. (?) Dizem ser este o duvidoso personagem que o chronista Fernão Lopes conta ter sido azorragado no seu proprio paço pelo rei D. Pedro I. Este facto, que o ingenuo historiador diz ter-se passado com um bispo do Porto, não resiste a uma critica imparcial e rigorosa.
 47 — D. Lourenço Vicente da Lourinhã, depois Arcebispo de Braga.

(Conclue)

LITTERATURA

Lenda da rosa branca

Em um dos meliores castellos da Bretanha habitava, no seculo XII, Bertha, condessa de Senil.

Havia-se recolhido n'elle depois da morte de seu nobre esposo, immolado nos campos da Palestina, e occupava-se em educar no santo temor de Deus a seu filho Roberto, e ainda em ser pela sua caridade e ardente amor aos pobres a providencia dos seus arredores.

O herdeiro do feudo de Senil possuia os meliores sentimentos e as mais nobres inclinações; podia dizer-se que dividia a sua vida em servir a Jesus Christo com a piedade mais sincera e rodear a sua mãe com toda a sorte de attensões, fazendo-a experimentar momentos de uma felicidade que cria ter perdido para sempre.

Roberto cahiu gravemente enfermo, e jámais mãe alguma tratou seu filho com maior desvelo e ternura, passando horas e horas á cabeceira do seu leito, observando os progressos d'uma enfermidade desconhecida, n'aquelle rosto para ella tão querido.

Os medicos mais famosos do seu tempo desfilaram por deante do doente, examinando-o com attenção, e nenhum atinava com o seu mal; moviam porém tristemente a cabeça, e o rosto d'elles deixava adivinhar que não tinham esperança alguma de allivio.

Um dia a condessa abandonou a cabeceira do leito onde jazia o filho, deixando-o confiado ás suas aias, e sahio até ao jardim para respirar o ar livre; immersa em tristes meditações, mas sempre confiando em Deus, dei-

xou-se ir insensivelmente até se internar no bosque visinho.

Fatigada, a condessa Bertha sentou-se ao pé d'uma gigantesca nogueira, continuando absorta o Rosario que havia pouco tinha começado afim de interessar ainda mais a Virgem a favor da saude do seu querido Roberto. De repente, ao dizer «Rosa mystica, ora pro nobis,» sentiu um movimento interior que agitou todo o seu ser, e cahiu de joelhos, exclamando:

— Oh! Maria, tu que tanto soffreste a ver as dôes de teu Divino Filho, pede lhe agora que sare o meu.

Abriu-se de subito a arvore e appareceu no fundo do tronco a Virgem Maria, dôce, magestosa, rodeada d'uma aureola de luz, tendo em sua mão direita uma rosa branca.

— Olha, disse ella, põe esta rosa em um vaso de agua, conserva-a sempre, e o teu filho recobrará a saude.

Quando a condessa, voltando a si da sua emoção, quiz dar graças á Virgem, esta havia desapparecido. Acto continuo correu ao castello, e collocou, sem perda de tempo, a rosa branca na agua.

Roberto recobrou a saude, e a condessa, obediente á voz de Maria, que lhe havia dito que conservasse a rosa, tinha-a constantemente fresca e viçosa em um vaso ao pé d'um formoso Cruzifixo. Um dia em que se achava recolhida e em oração, ouviu a seu lado um suspiro comprimido; voltou a cabeça e viu uma menina de cinco annos que chorava amargamente.

— Que tens? lhe perguntou Bertha.

— Ah! senhora, respondeu-lhe a pobre menina sem poder reprimir as suas lagrimas; a minha mãe está a morrer d'uma horrivel enfermidade do peito, e não faz mais que suspirar e pedir essa formosa rosa branca, que tendes ahi, pois diz que só n'ella está a sua salvação, e eu, senhora, vinha pedil-a...

A nobre dama luctou um momento entre o seu amor de mãe e a sua caridade; olhou attentamente para a menina e para a rosa branca, objecto dos desejos da pobre moribunda, e inclinou-se a comprazer-lhe; porém lembrou-se tambem de seu filho, e temeu perdê-lo se se apartasse da celeste reliquia; por fim arrojou-se aos pés da imagem da Virgem que alli estava, exclamando com os olhos cheios de lagrimas:

— Mãe do Divino Redemptor, bem vês a angustia do meu pobre coração; tu que concedes tudo quanto a ti se pede com um fim recto, salva o meu filho e perdôa a minha desobediencia.

Acabada a prece, pega na rosa branca e entrega-a á menina.

No mesmo momento, no lugar que esta occupava appareceu um Anjo resplandescente de luz e belleza, que disse:

— O Senhor havia-me encarregado de pôr á prova a tua fé e caridade, nobre senhora, e está contente contigo. Ambas essas virtudes se perpetuarão em tua raça na successão dos seculos, e d'ella sahirão Santos para o céu e heroes para a patria.

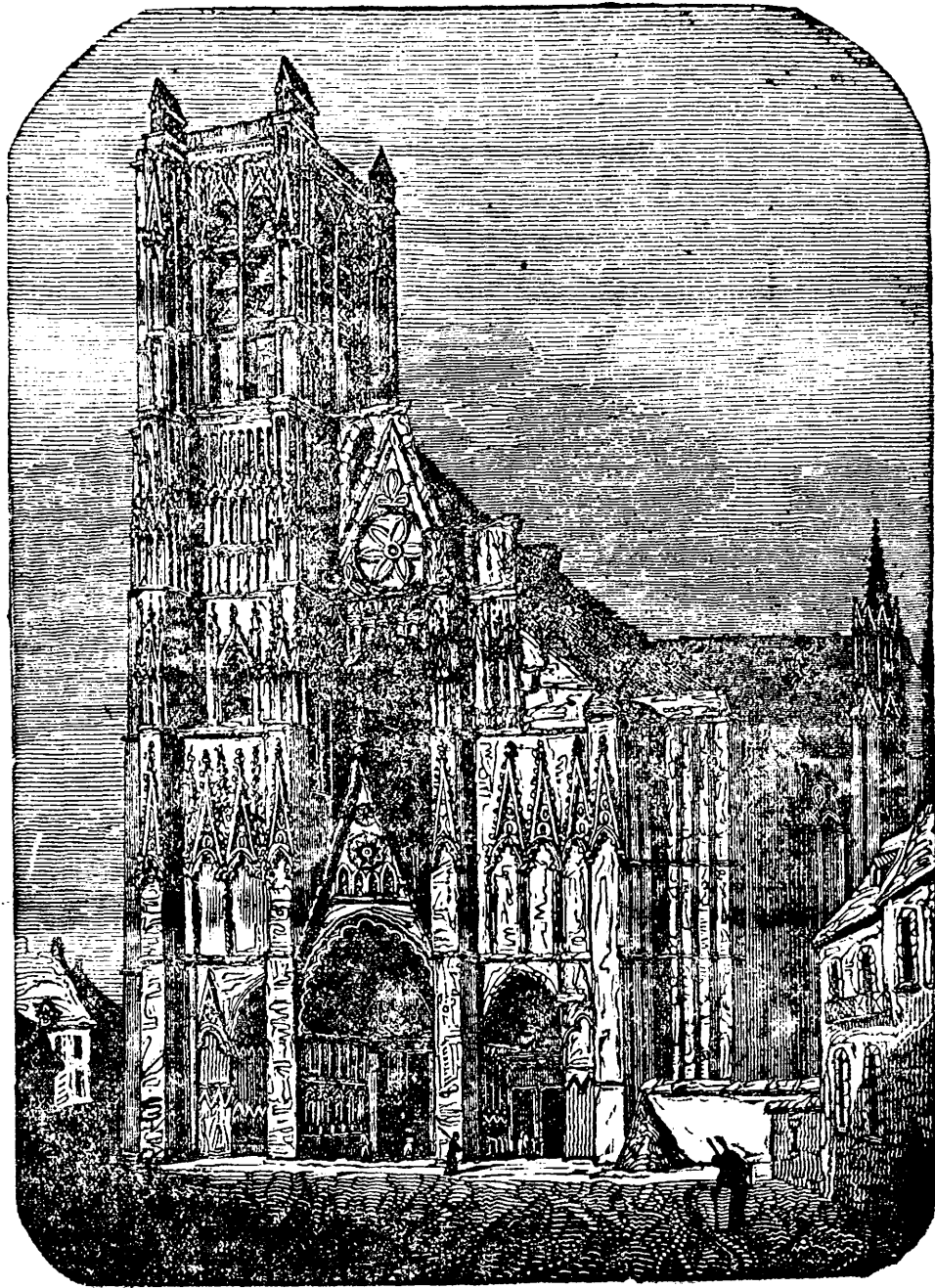
E dito isto desappareceu.

No mesmo sitio da apparição da Virgem fez construir a condessa Bertha um mosteiro, que conservou o nome de Rosa Branca, até que as hordas de Hoche o demoliram no tempo da Convenção.

Não contente com isto, a partir d'aquelle dia o centro do escudo dos Senil foi augmentado com um quartel em cujo fundo se ostentava a rosa branca, e ao pé d'ella, como divisa, a invocação da Virgem: «Rosa Mystica, ora pro nobis».

(Traducção)

Mary Terry.



Cathedral d'Auxerre

AS NOSSAS GRAVURAS

Bossuet

Jacques Benigno Bossuet nasceu em Dijon a 27 de dezembro de 1627 e morreu em Paris a 12 de abril de 1704.

Philosopho, orador, historiador, theologo, controversista e politico, foi o genio mais vasto e completo do seu seculo, e a figura mais imponente do catholicismo nos tempos modernos. La Bruyère chamou-lhe *Padre da Igreja*, e podia na verdade comparal-o a Santo Agostinho, tanto pelo ascendente e auctoridade que exerceu, como pela poderosa fecundidade do seu genio.

Estudou no collegio de Navarra, recebeu o grau de doutor na Sorbonna, e, tendo-se ordenado em 1652, viveu algum tempo retirado em S. Lazaro, onde a influencia evangelica de S. Vicente de Paulo devia suavisar de alguma forma a severidade imperiosa do seu talento.

Pouco depois, recusando honrarias, aceitou um modesto canonicato em Metz, e começou a trabalhar constantemente para o desempenho do papel preponderante que lhe estava reservado na historia da Igreja no seculo XVII. Chamado a Paris por diversas vezes para negocios do seu capitulo,ahi prégou com grande exito, e lançou afinal os fundamentos da sua reputação de orador com os sermões da quaresma de 1659, nos Minimos da praça Real. Proseguindo na sua carreira, caminhou de triumpho em triumpho, e, durante um periodo de mais de dez annos soltou do alto dos pulpitos de Paris torrentes caudalosas de eloquencia.

Das suas obras oratorias, o sermão consagrado a S. Paulo passa por ser uma verdadeira obra prima.

Nomeado, em 1669, bispo de Condon, renunciou o cargo para se entregar á educaçào do delphim, de quem foi nomeado preceptor pelo rei Luiz XIV, em 1670. Compoz para o real educando o *Discurso sobre a Historia Universal, Do Conhecimento de Deus e de si mesmo*, e a *Politica tirada das proprias palavras da Sagrada Escripura*. Estes

tres monumentos immorredouros da litteratura franceza, representam a philosophia, a historia, e a politica, resumindo as opiniões do auctor sobre o passado do genero humano, e sobre o governo das sociedades. Em 1671 publicou a sua *Exposição da Fé Catholica*, com que conseguiu desligar do protestantismo personagens importantes, como Turenne, Dangeau, Brueys, mademoiselle Duras. Foi n'esta occasião que a Academia franceza lhe abriu as portas. Em 1681, concluida já a educação do delphim, foi nomeado bispo de Meaux.

Em 1682 publicou o *Tratado da Communhão sob as duas especies*, e depois as suas duas obras mais admiráveis: *Elevações sobre os Mystérios e Meditações sobre o Evangelho*, creações cheias de enthusiasmo, de poesia e de fé, que lhe valeram o titulo de *Agua de Meaux*. As suas controversias contra os protestantes ficaram celebres na historia das polemicas religiosas.

Atacado de uma doença cruel, a pedra, e não querendo sujeitar-se á operação da talha, passou os dois ultimos annos da sua vida no meio dos mais dolorosos soffrimentos. A sua energia intellectual, porém, não o abandonara, pois havia terminado a paraphase do psalmo XXI quando expirou,

Cathedral d'Auxerre

E' um dos mais famosos monumentos do estylo gothico, apesar de incompleto e dos estragos que lhe causou a damnada furia dos calvinistas, n'essa epocha de tristes recordações para a historia da Igreja.

Foi começado em 1215 e terminado somente no seculo XVI, ficando apenas com uma torre, quando eram duas as do plano architectonico. O côro, construido pelo bispo Guilherme Seignelay sobre uma ampla crypta romanica, apresenta disposições de subida elegancia e originalidade. E' a cathedral rica de primorosos objectos de arte, e notavel pelos sarcophagos de mui distinctos personagens alli sepultados nos seculos XVII e XVIII.

O interior do templo é imponente pela sua magestade sombria, e as vidraças, que o tempo tem poupado, brilham das côres mais vivas, quando os raios do sol dão relevo aos mil arabescos da frontaria.

Nos vidros das ogivas ha uma inapreciavel collecção de pinturas, collocadas segundo o andamento da obra, desde o seculo XIII ao XVI. O antigo paço episcopal, transformado hoje em palacio da perfeitura, conserva ainda uma galeria do seculo XII, unica no seu genero, com bellas paredes atravessadas por janellas ogivães.

Auxerre, outr'ora uma das mais admiradas cidades da Borgonha, reduzida hoje a uma população de 16:000 habitantes, cahiria em esquecimento, se não tivesse a dar-lhe realce a grande cathedral, documento vivo do quanto n'aquellas regiões foi vigorosa a fé das gerações idas. Muito devem as artes ao impulso da Igreja.

VARIA

O amor

Incomprehensivel é o coração humano por tantos affectos que o povoam e tantas aspirações! Sentimentos de verdadeira realza e sentimentos, é triste confessal-o, que nos aviltam, que nos rebaizam, que nos degradam!

Incomprehensivel, pois, o coração. Mas entre todos os sentimentos do nosso coração ha um que se distingue pela sua nobreza e excellencia, e sobretudo pelo extraordinario caracteristico com que no soffrimento se manifesta — é o amor. Amar é soffrer; eis dois sentimentos diametralmen-

te oppostos, mas que é impossivel separarem-se! E o amor é tanto mais intenso quanto maior fôr o soffrimento.

Muito amaram os santos quando abraçaram o martyrio! Muito nos amou Nosso Senhor quando depois das torturas da flagelação, supportou o cruel supplicio da Cruz! Mas que contraste não ha entre o amor das creaturas e o amor de Deus? O amor de Deus é sublime, infinito, excessivo e sem limites; o das creaturas é mesquinho, ridiculo, interesseiro e egoista. Pouco ha quem ame com esse amor nobre, generoso, sublime, puro e sincero, cujo caracteristico é o soffrimento; pois quem ama soffre indubitavelmente, mas este soffrimento tem para o verdadeiro amante a doçura do favo de mel.

As almas que amam a Deus embriagam-se de amor com os soffrimentos, e é por isso que as disciplinas, as cadeias, as cordas, os cilicios e as grelhas com todas as torturas, faziam as suas delicias. Santa Thereza de Jesus no excesso do seu amor a Deus dizia lhe: «Senhor, mais soffrer ou morrer.» Santa Maria Magdalena de Pazzi levava o seu amor ainda mais longe, porque dizia: «Meu Deus, mais soffrer e não morrer.»

Nós, os mundanos, não comprehendemos esta linguagem sublime dos santos ao seu adoravel Jesus; e se alguma vez vemos uma alma mais fervorosa sacrificar-se por Nosso Senhor, logo apontamos por fanaticas que é o mesmo que chamar-lhe—idiota, louca. O mundo é muito insensato nas suas apreciações.

Quem ama, corre, voa, acha leve o que é pesado, brando e suave o que é aspero.

Quem ama, soffre voluntariamente e com pura alegria pela pessoa amada, e a tudo se sacrifica sem mesmo dar por isso. Não ha pessoa alguma, creio, que não ame, porque é um sentimento inherente ao coração humano; mas ha poucos que saibam inclinar bem este sentimento divino com que Deus enriqueceu o nosso coração.

Ha pessoas que amam até á loucura, até ao martyrio, mas que amam ellas? o dinheiro, chegando mesmo a passar mal para lhe não tocar; estes são os avarentos que morrem mirrados em cima d'esse montão d'ouro que lhes cavou um profundo abysmo no inferno!

Que desgraça, meu Deus! Outros amam com loucura delirante as pompas, as honras, as vaidades e divertimentos e a recompensa que recebem do seu idolo é, muitas vezes, abreviar-lhes os dias da vida para a eternidade que será tanto mais infeliz e desgraçada, quanto maior foi o excesso a que se entregaram a essas illusões fementidas! Oh! que loucura a da maior parte da humanidade! tudo amam com excesso, com idolatria até, e só não amam o verdadeiro Amor que é Deus! Oh! amemos todos a Deus, que só Elle é que recompensa plenamente este amor com riquezas que nem os ladrões podem roubar, nem a traça atingir. Amor! os homens desconhecem te, vivem refractarios aos teus encantos, ás tuas doçuras, mas os Anjos no céo entoam-te hymnos de jubilosa alegria diante do amor infinito que é Deus.

M. M.

DE TUDO UM POUCO

A musica sacra

Durtal não se interessava senão mediocremente pela musica humana nas igrejas. O que lhe parecia superior ás obras mais applaudidas da musica theatral ou mundana, era o velho cantochão, esta melodia chã e nua, simultaneamente aerea e sepulchral; era este grito solemne das tristezas e orgulhoso das alegrias, eram estes hymnos grandiosos da fé do homem que parecem irromper nas ca-

thedraes, como irresistiveis geysers, dos proprios pedestaes dos pilares romanicos.

Que musica, por mais ampla ou mais dolorosa e terna que seja, vale o «De profundis» cantado em fabordão, as solemnidades do «Magnificat», os enthusiasmos do «Salvé Regina», o calor augusto do «Lauda Sion», as angustias do «Miserere» e do «Stabat», as omnipotentes magestades do «Te-Deum»? Artistas de genio tinham-se esforçado por traduzir os textos sagrados. Vittoria, Josquin de Prés, Palestrina, Orlando Lassus, Haendel, Bach, Haydn, tinham escripto maravilhosas paginas; ás vezes mesmo tinham sido empolgados pela influencia mystica e pela propria emanação da Edade Media para sempre perdida; e as suas obras guardavam portanto um certo apparatus, permaneciam apezar de tudo orgulhosas em face da humilde magnificencia, do sobrio esplendor do canto gregoriano, que havia muito já tinha acabado, porque os compositores já não eram crentes.

Na musica moderna poderiam citar-se alguns trechos religiosos de Lesueur, de Wagner, de Berlioz, e de Cesar Frank, e sentia-se ainda, entre estes, o artista escondido sob a sua obra, o artista exhibindo a sua sciencia, pensando em exaltar a sua gloria, e por conseguinte omitindo Deus. Encontrava-se em face de homens superiores, mas de homens com as suas fraquezas e com a sua inalienavel vaidade, a propria tara dos seus sentidos. O canto liturgico, creado quasi sempre anonymamente no fundo dos claustros, era uma fonte extraterrestre, sem filão de peccados, sem traço de arte. Era uma resurreição de almas já libertadas da servidão das carnes, uma explosão de ternuras sublimadas e de puros jubilos, era tambem o idioma da Egreja, o Evangelho musical accessivel, como o proprio Evangelho, aos mais exigentes e aos mais humildes.

J. K. Huysmans (A Caminho).

Calendario:

Fevereiro

15

1904

Morte do notavel compositor musical, Ricardo Wagner, em Veneza, no anno de 1883.

Wagner nasceu em Leipzig a 22 de maio de 1813. Tendo emprehendido fazer uma revolução completa na arte musical, foi muito mal recebida esta sua ideia pelos seus proprios concidadãos que acolheram hostilmente as suas primeiras operas lyricas *Fliegend Halonder*, *Rienzi* e *Tanhauser*.

Em 1849 juntou-se ao celebre pianista Franz Liszt, que, como elle, se achava exilado na Thuringia por motivos politicos, e ambos elles formaram o nucleo do Wagnerismo, ou a musica do futuro.

Com a apresentação do *Lohengrin* obtém Wagner o seu primeiro triumpho, seguindo-se-lhe com grande exito o *Hollandez Voidor*. Por estes tempos publicava os poemas das suas operas, acompanhados de uma descripção do *Niebelungen*.

Indo para Paris em 1860, foi acolhido sob a protecção da princeza de Metternich e da imperatriz Eugenia, mas a sua opera *Tanhauser* foi muito mal recebida, obrigando-o a abandonar a França, e dirigir-se para S. Petersburgo.

Poucos annos depois, em 1864, o rei Luiz da Baviera convidou Wagner a ir á sua côrte, pondo á disposição do maestro os recursos necessarios para pôr em pratica todas as reformas que constituíam os seus sonhos. O rei Luiz deixou-se mesmo fanatizar pelo maestro.

Por este meio conseguiu ter em Bayreuth um theatro expressamente construido sob a sua direcção, para a apresentação da sua grande obra, o *Anel do Niebelungen*, tetralogia para ser executada em tres noites.

Quando Wagner havia chegado ao seu grande desideratum, morria em Veneza a 15 de fevereiro de 1883, como dizemos acima.

Curiosidades:

Na Egreja dá-se o nome de cantochão ao canto ecclesiastico. As suas origens são antiquissimas e é provavel que o cantochão nos tenha conservado alguns trechos da musica antiga e que os possuamos sem o saber. S. Ambrozio, arcebispo de Milão, foi, segundo se julga, o inventor do cantochão, isto é, foi o primeiro que deu fórma e metteu em regra o canto ecclesiastico, para melhor se casar com o seu objecto. O Papa S. Gregorio Magno (desde 590 até 604) aperfeçoou-o e deu-lhe a fórma que depois persistiu. Ha uma especie particular de cantochão a que se deu o nome de *fabordão*, e é a musica syllabica sem medida alguma.

Santo Ignacio, discipulo de S. João Evangelista, foi o primeiro que instituiu cantarem-se alternadamente os hymnos e os psalmos, e este uso se espalhou por todas as egrejas no imperio de Constancio.

No reinado de D. João V, Fr. Domingos do Rosario, natural dos Olivaeas, franciscano da provincia da Arrabida, cantor-mór no convento da sua Ordem em Mafra, foi um raro cantochanista, e governou o côro de Mafra, como primeiro vigario, por espaço de 41 annos. E' elle o auctor da arte de cantochão, por onde se tem ensinado até ao presente em Portugal, e tem por titulo: «Theatro Ecclesiastico, em que se acham muitos documentos de cantochão, etc.» Lisboa, na Officina Joaquiniana da Musica, 1743.

Notas de sciencia:

Tem-se dito que o peso do cerebro é maior nos intellectuaes do que nas pessoas dedicadas a trabalhos manuaes, e que, ao passo que o cerebro masculino pesa 1400 grammas, o feminino pesa 1200.

O anthropologo allemão Mathiez fez um estudo comparativo por profissões em 235 casos, resultando que o peso do cerebro dos operarios é de 1410 grammas, o dos porteiros, guardas e vigias 1436, o dos mechanicos, 1450, o dos homens de negocios, professores, advogados, etc., 1500, o cerebro de muitos intellectuaes pesou 1595 grammas.

O cerebro dos individuos empregados nas fabricas ou venda de bebidas alcoolicas distingue-se pelo seu pouco peso, que é, em media, de 1419 grammas.

O dos ferreiros e serralheiros pesa 1477 grammas, o dos cocheiros 1446 e dos carpinteiros 1442.

Pensamentos:

Do P. Antonio Vieira.

— Tres *mais* ha n'este mundo pelos quaes anhelam, pelos quaes morrem, e pelos quaes se matam, os homens: *Mais* fazenda; *mais* honra; *mais* vida.

— Onde ha vinte e quatro modos de negar, haverá vinte e cinco de pedir.

— O não, melhor é que o digam as leis que os reis.

— Se queres ser mestre na fé, faze-te discipulo da natureza.

— Melhor é odio, que nos salva, do que amor que nos perde.

— Não ha alegria n'este mundo, tão privilegeada que não pague pensão á tristeza.

- Muitos são parentes da fortuna e não da pessoa.
 — Castiga Deus os reis, permitindo que sejam enganados os seus conselheiros.
 — Aos que não são povo, põe-se-lhes o sol á meia noite, e amanhece-lhes ao meio dia.
 — A fortuna do homem da côrte consiste sómente em saber adular, mentir, roubar e repartir.

Versos escolhidos :

Pange lingua

Oh lingua minha, canta o mais profundo,
 O mysterio do corpo glorioso
 E do sangue precioso,
 Que em resgate do mundo,
 Procedente de um rei generoso
 O Rei dos povos derramou jucundo.

A nós offerto, para nós nascido
 De immaculada Virgem, convivia
 Entre os homens; diffundia
 Seu Verbo; e concluido
 O percurso na terra, Elle annuncia
 O prodigio do amor indefinido.

N'aquella noite da superna ceia,
 Com os discipulos na meza se entretendo,
 E da Paschoa attendendo
 Ao costume formal, Elle se aneia
 Por dar-se em alimento, offerecendo
 O seu corpo, que aos filhos presenteia.

Maravilha de amor! Verbo encarnado,
 Jesus no proprio corpo muda o pão
 E o vinho em libação
 No seu divino sangue. Enleiado
 Duvide o juizo embora, o coração
 Affirma o que por Deus foi revelado.

Tão augusto Sacramento
 Humildemente adoremos!
 Pelo novo testamento
 Do antigo o rito mudemos,
 Aos sentidos supplemento
 Preste a fé em que vivemos.

Louvores ao Genitor,
 E ao que d'Elle foi gerado!
 Honra e gloria ao Creador
 E ao Filho seu, o Increado!
 Ao de ambos derivado
 Gloria, graças e louvor!

Duarte de Azevedo.

Humorismos :

- ... Em Deus! Não creio em Deus!
 — Não é possível!
 — Affirmo-lhe!
 — Não é possível!
 — Dou-lhe a minha palavra de honra.
 — Não é possível!
 — Juro-lhe...
 — Jura? Por quem?
 — Juro ... por Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, que não creio em Deus ...
 — ?!

RETROSPECTO DA QUINZENA

Ao ultimo domingo antes da quaresma chama-se quinquagesima. N'elle, bem como nos dois dias subsequentes, ultimos, antes da quaresma, festeja o mundo, seguindo ainda hoje os usos tradicionaes do paganismo sensual, a despedida dos prazeres da carne, da luxuria dos sentidos, que vão ser suspensos por quarenta dias em memoria de egual periodo passado por Jesus Christo para soffrer a paixão e morte redemptora da humanidade.

As festas vergonhosas que nos tempos modernos se denominam *Carnaval* tinham differentes nomes na mais remota antiguidade e posteriormente. Apesar da pureza do Christianismo não poderam ser inteiramente banidas, perduraram, muito embora mais amenizadas, menos barbaras, comquanto tão luxuriantas como as de outr'ora.

A Igreja nos tres dias do Carnaval celebra o Jubileu das 40 Horas, começando a solemnidade no domingo e terminando na terça feira. Consiste na exposição do Santissimo Sacramento á adoração dos fieis e benção acompanhada de canticos sacros.



HUYSMANS

Tem hoje honrosa cabida no nosso retrospecto um antigo retrato do grande escriptor catholico, J. K. Huysmans, não só como ephemeride historica, pois nascera o glorioso romancista a 6 de fevereiro de 1848, mas ainda por estar actualmente em evidencia como o mais auctorizado propugnador da restauração do genuino cantochão, nas suas admiraveis criticas d'arte.

Desnecessario é repetir mais uma vez agora a sua grandiosa obra litteraria, como ainda a sua vida apoz a sua conversão, que actualmente se passa em Solesmes, o celebre mosteiro beneditino em França que promovera o surgimento do canto gregoriano, devido aos estorços do beneditino Dom Pothier.

Queriamos apenas com isto frizar este facto importantissimo da vida religiosa de Huysmans, e prestarmos tambem a nossa homenagem de admiração aos benemeritos beneditinos francezes, graças a quem iremos ouvir as velhas melodias sacras que abalaram outr'ora os templos medievales.

Enviamos as nossas sinceras e entusiasticas felicitações pela sua entrada no IV anno a brilhante revista mensal brasileira «Santa Cruz», publicada pelo Lyceu do Sagrado Coração, em S. Paulo—Brazil, e de que é eximio director o sr. dr. Brazilio Machado, lente da faculdade de Direito, e notavel publicista brasileiro.

Esta revista, sem duvida a mais primorosa que se publica em lingua portugueza, é um verdadeiro monumento da imprensa catholica, e dá a mais elevada ideia dos sentimentos religiosos da nação brasileira, descoberta, colonizada e povoada pelos antigos navegadores portuguezes.

Receba, pois, a illustre redacção os nossos cordeaes parabens que d'aqui, do velho Portugal, lhe enviamos, e que são a expressão mais viva da nossa admiração profunda.

A denodada empreza do nosso presadissimo collega da capital, «Novo Mensageiro do Coração de Jesus», acaba de fazer sahir do prélo uma primorosa revista mensal sob o titulo de «Legionario de Maria.»

Pelo exame do primeiro numero que temos deante de nós, vemos que é uma publicação inexcedivelmente trabalhada, quer na parte litteraria que é acuradissima, quer na parte artistica que é d'uma perfeição extrema, a ajuizar pela soberba gravura da classica *Conceição* de Murillo que orna o presente numero.

Esta publicação constitue uma solemne homenagem á Immaculada Conceição no quinquagesimo anniversario da sua definição dogmatica, e por isso merece a protecção de todos os catholicos durante este anno que se publica.

Tem ainda em vista propagar e fomentar as devoções e associações mariannas.

Agradecemos a nova visita e saudamos affectuosamente o novo collega.

A commissão nomeada pelo rev.^{mo} prelado, para tratar da commemoração do quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição já organisou o seu programma.

Ao congresso Marianno de Roma será apresentada uma memoria sobre o culto tributado á Virgem Santissima em todas as freguezias do bispado do Porto.

Organisar-se-ha uma peregrinação n'esta diocese que irá a Braga em junho encorporar-se á peregrinação nacional ao santuario do Sameiro.

Na igreja da Sé do Porto, e n'outras igrejas e capellas, haverá no dia 8 de cada mez missa votiva resada e communhão geral.

Em 8 de dezembro celebrar-se-ha de Pontifical na Sé, precedido d'um triduo com exposição do Santissimo e praticas.

Realisar-se-ha tambem um congresso Marianno n'esta cidade, em que tomarão parte varios oradores.

Para occorrer ás despesas d'esta solemne commemoração, promover-se-ha em toda a diocese uma subscripção por meio de collectas de 20 réis. Com o seu producto se farão as despesas das solemnidades religiosas, do congresso e da impressão da memoria do culto da Virgem Santissima e se enviará para Roma um donativo para contribuir para a offerta de uma nova corôa d'ouro á Virgem, cujo custeio é pedido a toda a christandade.

A commissão diocesana aceita donativos especiaes para esse fim ou com outros destinos, á escolha dos offerentes, aos quaes lembra a acquisição de livros mariannos para a bibliotheca commemorativa que se pretende crear.

Finalmente organisar-se-ha na cidade do Porto uma associação de caridade, denominada da Immaculada Conceição, e que se encarregará principalmente de vestir todos os annos no dia 8 de dezembro creanças pobres de ambos os sexos e de 4 a 10 annos residentes em todas as freguezias urbanas.

No dia 4 do corrente passou o 27.^o anniversario da sagração episcopal do venerando Antistite funchalense, o Ex.^{mo} e Rev.^{no} Snr. D. Manoel Agostinho Barreto.

Os nossos presados collegas «Quinzena Religiosa» e «Correio da Tarde» trajaram gala e publicaram artigos commemorativos de tão fausta data.

De tudo é digno o venerando prelado pelos seus formosos dotes do coração e espirito, e a sua vida ininterruptamente passada na vela zelosa do seu rebanho.

Por isso tambem nós nos apressamos a juntar a nossa humilde vóz á dos nossos presados collegas na impren-

sa catholica, saudando o preclaro Bispo em dia tão festivo.

Receba, pois, s. ex.^a as nossas sinceras felicitações e o preito humilde da nossa profunda admiração.

Effectuou-se no dia 6 pelas 12 horas da manhã, na capella particular da familia Torquato, á rua Chã, o enlace matrimonial da ex.^{ma} snr.^a D. Maria José Cabral Alvares Ribeiro com o ex.^{mo} snr. D. Francisco de Paula Peixoto da Silva Bourbon (Lindoso).

Esta cerimonia religiosa revestiu o maior brilho e solemnidade, sendo presidida pelo illustre Prelado d'esta diocese, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} snr. D. Antonio Barroso, acolytado pelos Rev.^{mos} Conegos drs. Coelho da Silva e Theophilo Salomão, servindo de mestre de ceremonias o rev. Joaquim Lopes e assistindo o rev. dr. Cunha Oliveira, abbade da freguezia da noiva.

Acabada a missa, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} snr. D. Antonio Barroso dirigiu aos noivos uma eloquente allocação á cerca dos deveres matrimoniaes do christão e seguidamente o rev. Espirito Santo leu um telegramma de S. Em.^a o Cardeal Secretario de Estado de Sua Santidade, enviando aos noivos a Benção Papal.

A capella particular da ex.^{ma} familia Torquato, toda exuberante de lumes, achava-se preciosamente ornamentada de flôres, luxuosas colgaduras e ricas pratas.

Serviram de padrinhos por parte do noivo os snrs. Cardeal Ajuti, representado pelo snr. Alberto Alvares Ribeiro e os snrs. condes da Redinha e da Figueira (D. Luiz) tio e primo do noivo, e por parte da noiva suas tias as ex.^{mas} snrs D. Maria da Natividade do Valle Coelho Pereira Cabral e D. Sophia Pinto da Fonseca.

Os noivos, finda esta cerimonia, partiram para a Quinta da Ribeira, em Braga, propriedade da mãe da noiva, onde vão passar a lua de mel.

Enviamos-lhe as nossas felicitações e fazemos votos para que sejam em extremo felizes no futuro a que tem jus pelos primores de educação que tiveram a dita de receber.

Aos nossos distinctos collaboradores

Animados pelo bello exito do nosso numero commemorativo do *Natal*, resolvemos fazer outro solemnizando a *Semana Santa*. Desde já pedimos a valiosissima cooperação dos nossos distinctos collaboradores para este fim, confiado como estamos no seu auxilio precioso.

Necrologia

Dos Arcos de Val de Vez acabamos de receber a infausta noticia do fallecimento do sr. João Antonio da Costa Bandeira, antigo professor de ensino livre, occorrido no dia 6 do corrente.

Fôra em vida o saudoso finado um homem de profundas crenças catholicas, d'um caracter da mais fina tempera, um verdadeiro herdeiro das virtudes civicas e religiosas dos portuguezes antigos. «O Progresso Catholico» deve-lhe como a poucos, pois era seu assignante desde a primitiva e correspondente devotado e zelosissimo, prestando serviços que o tornaram insubstituivel. Eis, pois, o motivo porque sentimos com todas as veras da alma o seu finamento e como será eterna a nossa gratidão, que aqui exaramos de modo a ficar bem patente e perpetuada.

Apezar de viver pobre propagava ardentemente a boa imprensa, não olhando a obstaculos nem a sacrificios de

especie alguma. Exemplo bem digno de ser imitado n'estes tempos em que o bem é calcado e impera o baixo egoismo.

Póde, pois, dizer-se, visto a sua vida ter sido o modelo vivo da mais inquebrantavel honradez, que passou fazendo o bem, deixando sobre esta terra um sulco luminoso que o seguirá em esteira bem dita até guial-o ao reino do Misericordioso Juiz.

Descance em paz o honradissimo velho, nosso amigo querido, e de toda a imprensa catholica, e que o seu mais perduravel moimento seja a boa memoria que de si deixou, e os caracteres de merecida justiça, que lhe tributou agora a imprensa catholica portugueza.

Ao seu extremo irmão e mais familia enviamos as nossas sentidissimas condolencias, e aos nossos leitores pedimos uma fervorosa prece por alma do honrado extinto.

EXPEDIENTE

Pedimos encarecidamente áquellas pessoas a quem temos enviado o nosso jornal pela primeira vez, que no caso em que não nos queiram honrar com a sua assignatura, nol-o devolvam no mais breve possivel, afim de nos evitarem despezas.

— Aos novos assignantes que lhes faltarem algum numero já publicado, pedimos que nol-o reclamem desde já.

— Aos distinctos cavalheiros e senhoras que nos tem honrado com o precioso auxilio da sua assignatura, e muito particularmente a quem nos tem dirigido palavras de louvor e incitamento, extremamente penhorados enviamos um affectuoso— muito obrigado.

ANNUNCIOS

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

EXTRAHIDAS DAS SAGRADAS ESCRIPTURAS, SANTOS PADRES,
DOUTORES DA EGREJA
E OUTROS EMINENTES AUCTORES

E COORDENADAS

POR A. L. F.

OBRA APPROVADA E INDÚLGENCIADA

2.^a EDIÇÃO

Preço: encadernado 200 reis.

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

por CARLOS H. PIEPER

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Amerigo

3.^a EDIÇÃO

Augmentada com o «Modo de ouvir Missa pelos defunctos»

Preço: encadernado 160 reis

ORAÇÃO

À

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Para ser recitada durante o seu jubileu
1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA

(Tradução official)

Preço—Por um exemplar. 10 reis

Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

Approvado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso
Bispo do Porto

Preço 200 reis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Por tuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.